

# ESPECIAL:

## estudo bíblico vicentino

Junho/julho/agosto de 2018



# Para ler, compartilhar e agir

Em uma proposta de fomentar a espiritualidade entre os confrades e consócias da área do Conselho Metropolitano de Formiga, o Departamento de Comunicação (Decom) publica desde setembro um anexo ao jornal COMUNICAÇÃO Vicentina, com comentários relacionando as leituras bíblicas semanais ao cotidiano da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP).

Os textos são de autoria do confrade Eduardo Marques de Almeida, um confrade brasileiro que mora no Paraguai, e contribui para a formação do Conselho Geral Internacional (CGI).

São breves reflexões que impõem à caridade e aos demais compromissos cristãos. Elas devem ser lidas em reuniões de Conferências e Conselhos e animar a caminhada vicentina no serviço aos Pobres.



Samuel Godoy

Confrade Eduardo Marques de Almeida

**Semana de 4 de junho de 2018 (referência: leituras do domingo 10 de junho)**  
**10ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: Gn 3, 9-15; 2 Cor 4, 13-17;**  
**Mc 3, 20-35**

**«Eis minha Mãe e meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe».**

## **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos**

Naquele tempo, Jesus chegou a casa com os seus discípulos.

E de novo aconteceu tanta gente, de modo que nem sequer podiam comer.

Ao saberem disto, os parentes de Jesus puseram-se a caminho para O deter, pois diziam: «está fora de Si».

Os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: «Está possesso de Belzebu», e ainda: «É pelo chefe dos demônios que Ele expulsa os demônios».

Mas Jesus chamou-os e começou a falar-lhes em parábolas: «como pode Satanás expulsar Satanás?»

Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode aguentar-se.

E se uma casa estiver dividida contra si mesma, essa casa não pode aguentar-se.

Portanto, se Satanás se levanta contra si mesmo e se divide, não pode subsistir: está perdido.

Ninguém pode entrar em casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem primeiro o amarrar:

só então poderá saquear a casa.

Em verdade vos digo: tudo será perdoado aos filhos dos homens:

os pecados e blasfêmias que tiverem proferido; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo

nunca terá perdão; será réu de pecado eterno».

Referia-se aos que diziam: «está possesso dum espírito impuro».

Entretanto, chegaram sua Mãe e seus irmãos, que, ficando fora, mandaram-no chamar.

A multidão estava sentada em volta d'Ele, quando Lhe disseram:

«Tua Mãe e teus irmãos estão lá fora à tua procura».

Mas Jesus respondeu-lhes: «Quem é minha Mãe e meus irmãos?»

E, olhando para aqueles que estavam à sua volta, disse: «Eis minha Mãe e meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe».

## **Reflexão vicentina**

Neste domingo, as leituras nos levam a refletir sobre o bem e o mal e a nossa escolha entre eles, baseada no livre arbítrio, um presente de Deus em nossa criação.

O texto do Gênesis foi supostamente escri-

to no século X antes de Cristo e não tem o objetivo de ser uma narração baseada em fatos históricos. O objetivo é teológico, de catequese, para nos levar a pensar sobre o tema da escolha entre o bem e o mal. Ao escolher comer o fruto proibido (a maçã), está envergonhado de si mesmo (está nu) e culpa a mulher pela desobediência a Deus. Mais do que isso, ele culpa a Deus, pela “mulher que Ele lhe deu”: além de querer mostrar autossuficiência, ainda se coloca em uma posição de conflito com Deus. A mulher tem a mesma resposta de covardia e culpa a serpente (símbolo da fertilidade para os antigos).

Na Carta aos Coríntios, Paulo retoma o aspecto da escolha por Cristo, mas dando muito mais importância à nossa intenção do que ao resultado do que fazemos. “Ainda que exteriormente se desconjunte nosso homem exterior, nosso interior renova-se de dia para dia. (...) Porque não miramos as coisas que se veem, mas sim as que não se veem. Pois as coisas que se veem são temporais e as que não se veem são eternas.” Se agimos com boa fé, devemos seguir nossas escolhas, mesmo que elas pareçam más aos olhos dos outros: o que importa é o que Deus vê e o que Ele vê é o nosso interior, nossa motivação e intenção. Quantas vezes, nós temos que tomar decisões difíceis, para o bem dos outros, mas que nos custam oposição, conflito e vingança dos outros! Paulo passava exatamente por um momento destes, em relação aos coríntios, quando escreveu esta carta.

Isto mesmo aconteceu com Jesus, quando ele pregava e realizava milagres em Cafarnaum. Sua única intenção era mostrar o Reino de Deus. Seus inimigos se colocaram logo contra ele, maldizendo-o, tentando convencer as pessoas de que Ele agia pelo demônio e não pelo Espírito Santo. Não poderia haver maior ofensa a Cristo do que esta blasfêmia e Jesus responde mostrando sua tristeza: “tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e blasfêmias que tiverem proferido; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão; será réu de pecado eterno.”

Depois, Cristo consola aos que acreditam Nele (e no Reino de Deus que ele prega), dizendo que estes são parte de sua família: “quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe”. Como vicentinos, muitas vezes temos que fazer escolhas: fazer visita ao invés do lazer; comprar a bolsa para o Pobre ao invés de gastar com a diversão; construir a casa do Pobre, ao invés de gastar com algum luxo; ser fiel ao esposo ou à esposa, ao invés de “seguir o mundo”; adorar ao Santíssimo Sacramento, mesmo quando todos dizem que está fora de moda; viver na simplicidade, ao invés de seguir o materialismo. Tudo isso é razão de nossas opções no dia-a-dia. Se tudo isto o fizermos para a glória de Deus, na pessoa do Pobre, seremos irmão ou irmã de Jesus.

Como vicentinos, às vezes, também sofremos com os outros: nos decepcionamos com o assistido, somos objeto de maledicência, somos incompreendidos, somos traídos pelos próprios amigos. Nestes momentos, mais do que nunca, somos irmão ou irmã de Jesus, participamos de sua paixão e morte, e nos aproximamos da verdadeira Vida que ele nos prometeu. Nestes casos, não importa a

opinião dos outros, porque nossa intenção é reta: importa que o Senhor veja o que os outros não veem, a nossa intenção. Como rezava Santa Teresa de Calcutá, “nunca foi entre nós e os homens, mas entre nós e Deus”.

**Semana de 11 de junho de 2018 (referência: leituras do domingo 17 de junho)**

**11ª. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Ez 17, 22-24; 2 Cor 5, 6-10; Mc 4, 26-34**

**“E todas as árvores do campo hão de saber que Eu sou o Senhor.”**

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos**

Naquele tempo, disse Jesus à multidão:

«O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra.

Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como.

A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga.

E quando o trigo o permite, logo mete a foice, porque já chegou o tempo da colheita».

Jesus dizia ainda:

«A que havemos de comparar o reino de Deus? Em que parábola o havemos de apresentar?

É como um grão de mostarda, que, ao ser semeado na terra,

é a menor de todas as sementes que há sobre a terra; mas, depois de semeado, começa a crescer, e torna-se a maior de todas as plantas da horta, estendendo de tal forma os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra».

Jesus pregava-lhes a palavra de Deus com muitas parábolas como estas,

conforme eram capazes de entender.

E não lhes falava senão em parábolas; mas, em particular, tudo explicava aos seus discípulos.

**Reflexão vicentina**

A Parábola do Grão de Mostarda do Evangelho deste domingo e as demais leituras do dia nos fazem refletir sobre dois aspectos. Primeiro, é necessário preocupar-se com a forma como nos comunicamos com os outros, em particular, com nossos assistidos. Segundo, como vicentinos somos também convidados a olhar para a frente e não para trás: muitas vezes, nosso pequeno grão de mostarda, se plantado na “terra fértil do Senhor”, pode transformar-se em uma enorme árvore, mesmo que hoje não tenhamos consciência do que virá no futuro.

**Jesus se comunica na linguagem do povo, por meio de parábolas. Uma parábola, segundo o dicionário, é uma “narração alegórica (e comparativa) que envolve algum preceito de moral, alguma verdade importante”<sup>1</sup>. Portanto, Jesus utiliza parábolas, em particular fazendo comparações com a vida do campo, para chamar a atenção do povo (mais pobre) para algum ensinamento. Quem é do campo sabe que a semente de mostarda é uma das menores que existe e a árvore de mostarda é enorme? Esta é a “alegoria” que Jesus quer nos mostrar. Somos capazes**

**de, mesmo sendo os menores, às vezes sem muitas capacidades, gerar uma enorme árvore, se plantamos nossa semente na “terra do Senhor”.**

Conheci um vicentino analfabeto que sonhou em construir um asilo para os seus assistidos. Ele não tinha bens, não tinha relacionamento com pessoas importantes e não tinha estudos para levantar fundos, fazer projetos de engenharia ou para prestar serviços de medicina. Era um servente de obra. Ele plantou seu sonho na “terra do Senhor”, fez jejuns, adorações ao Santíssimo, longas caminhadas de oração, foi golpeado por ladrões em suas caminhadas. Construiu um belo asilo de referência para os vicentinos. Sua comunicação era simples: o exemplo de fé. Jesus não quer que manipulemos as pessoas com a nossa comunicação, forçando um estilo que não nos é natural. Se somos cultos, podemos fazer parábolas cultas. Se somos analfabetos, façamos parábolas sobre o nosso trabalho doméstico ou manual. Mas não nos descuidemos de comunicar, de falar, de utilizar a inovação para que nossos assistidos compreendam que podem se tornar grandes árvores e, inclusive, podem “dar sombra aos outros”. Quando nos comunicamos, estamos aprendendo com nossas palavras: é muito bom para nós o exercício de comunicar de forma simples!

Jesus nos convida a “olhar para a frente”, com fé de que não caminhamos sós. Na primeira parábola do Evangelho, Jesus indica que o produtor rural vigia dia e noite a sua plantação, trata-a com verdadeiro carinho. Ele não fica preocupado com as safras anteriores, se foram boas ou más: elas são parte do passado! “O reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Dorme e levanta-se, noite e dia, enquanto a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro a planta, depois a espiga, por fim o trigo maduro na espiga.”

Nossos projetos podem alcançar resultados que nunca poderíamos ter previsto “quando ainda eram sementes”. Quando “se tornam espigas”, vemos que a terra cumpriu a sua missão: trabalhou conosco! Frederico Ozanam nos motivava a não perder tempo com coisas do passado, porque os desafios do futuro são muito mais importantes. Quando nos enfocamos no futuro, nossa vida passa a ter mais sentido, porque trazemos para nós a perspectiva do sonho a ser realizado e do esforço para alcançá-lo.

Ao ver o dia amanhecer, me entusiasmo com a natureza: ela não se cansa! Todos os dias amanhece novamente sem se preocupar com a noite que passou. Para os que acordam muito cedo, a experiência de ver o dia clarear e os pássaros começarem o dia cantando traz uma enorme paz. Traz também a vontade de que o dia seja proveitoso, de que despertemos com um olhar otimista

sobre o mundo. Este é o olhar que os vicentinos são chamados a ter e comunicar todos os dias: o da autoestima com a certeza de que nossa semente pequena de mostarda pode fazer criar uma árvore enorme, suficiente para fazer sombra a todos os que o Senhor nos puser no caminho.

**Semana de 18 de junho de 2018 (referência: leituras do domingo 24 de junho)**

**Natividade de São João Batista**

**Leituras: Is 49,1-6; At 13,22-26; Lc 1,57-66.80**

**“Depois de mim, vai chegar Alguém, a quem eu não sou digno de desatar as sandálias dos seus pés”**

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas**

Naquele tempo, chegou a altura de Isabel ser mãe e deu à luz um filho.

Os seus vizinhos e parentes souberam que o Senhor lhe tinha feito tão grande benefício e congratularam-se com ela.

Oito dias depois, vieram circuncidar o menino e deram-lhe o nome do pai, Zacarias.

Mas a mãe interveio e disse: «Não, Ele vai chamar-se João».

Disseram-lhe: «Não há ninguém da tua família que tenha esse nome».

Perguntaram então ao pai, por meio de sinais, como queria que o menino se chamasse.

O pai pediu uma tábua e escreveu: «O seu nome é João».

Todos ficaram admirados.

Imediatamente se lhe abriu a boca e se lhe soltou a língua e começou a falar, bendizendo a Deus.

Todos os vizinhos se encheram de temor por toda a região montanhosa da Judeia e se divulgaram estes fatos.

Quantos os ouviam contarguardavam-nos em seu coração e diziam:

«Quem virá a ser este menino?» Na verdade, a mão do Senhor estava com ele.

O menino ia crescendo e o seu espírito fortalecia-se.

E foi habitar no deserto até ao dia em que se manifestou a Israel.

**Reflexão vicentina**

Neste domingo, celebramos o nascimento de São João Batista, primo de Jesus (filho de Isabel – prima de Maria - e Zacarias). A principal mensagem das leituras deste dia é a alegria por conseguirmos identificar a missão que Deus tem para nós e de nos conformarmos com ela, mesmo que não seja um caminho de glória, poder e riqueza.

Na primeira leitura, Isaías mostra claramente a sua felicidade por conhecer o plano de Deus para ele: “Ele que me formou desde o seio materno, para fazer de mim o seu servo, a fim de Lhe restaurar as tribos de Jacobe e reconduzir os sobreviventes de Israel. “Eu

tenho merecimento aos olhos do Senhor e Deus é a minha força.” A única recompensa que queria era o reconhecimento do Senhor. Este mesmo Senhor definia para ele uma missão dura e difícil, mas o capacitava e fortalecia na mesma medida do desafio. É uma relação de absoluta intimidade com Deus.

Desde o seu nascimento, São João Batista foi educado para ser o precursor de Jesus, quer dizer, aquele que viria antes de Jesus e que avisaria sobre Sua vinda. É muito interessante como João assume a missão de ser precursor e de batizar os fiéis: sua maior honra não foi a fama junto ao povo, mas o fato de ter batizado o próprio Jesus. E João humildemente prega a sua missão: “eu não sou quem julgais; mas depois de mim, vai chegar Alguém, a quem eu não sou digno de desatar as sandálias dos seus pés”.

A vocação vicentina é um chamado à missão de ser o anunciador do Reino de Deus, pelo encontro com o Pobre, pela palavra e pelo exemplo. Não somos chamados à honra e à fama junto ao Pobre, mas para mostrar claramente a Ele que é Deus quem O visita, em nossa pessoa. Podemos dizer que somos os precursores da misericórdia de Deus na vida eterna dos Pobres.

Pelo Batismo, João abria as portas da alma de cada batizado para receber o Espírito Santo. Pela visita, nós, vicentinos, abrimos a porta da alma de nosso assistido e da nossa alma, para receber o mesmo Espírito.

Celebremos o dia de São João Batista, como se fosse um pouco nosso. Coloquemos a nossa vida em humilde doação para a missão que Deus nos indicar. Não nos envergonhemos desta missão, diante dos outros, porque seguiu-a é preparar a segunda vinda do Senhor.

**Semana de 25 de junho de 2018 (referência: leituras do domingo 1 de julho)**

**13ª. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Sab 1, 13-15; 2,23-24; 2 Cor 8, 7.9.13-15; Mc 5, 21-43**

**“Minha filha, a tua fé te salvou” (...)  
“Não temas; basta que tenhas fé”.**

#### Reflexão vicentina

A reflexão de hoje será concentrada sobre o Evangelho, que é um texto cheio de mensagens importantes para nós, vicentinos. Mencionaria quatro mensagens principais: (1) Jesus nos pede às vezes “para ir ao outro lado do lago”; (2) Jesus quer que o toquemos e Ele sempre nos escuta; (3) os tempos de Deus são diferentes dos nossos; e (4) a fé sempre salva.

**Jesus nos pede às vezes “para ir ao outro lado do lago”.** Em muitas partes da vida pública de Jesus, ele vai para o outro lado do lago. Quando algo não está dando certo,

talvez seja a hora de olhar o problema por um outro lado, de forma criativa. Muitas vezes é necessário que deixemos um problema de lado um pouco e façamos algo que nos dá prazer, para depois voltar revigorados ao problema que temos que resolver. Assim é conosco como vicentinos: sempre há uma solução mais criativa para apoiar o Pobre em sua busca da dignidade e da santificação e São Vicente nos convida a olhar o amor como “algo criativo ao infinito”! Outras vezes, é necessário “dar um tempo” para que o assistido (ou o filho, ou o amigo, ou o irmão) encontre seu caminho por si mesmo, sem a nossa intervenção. Chamamos a isso de “desapego amoroso”: distanciarmos um pouco do problema, para que a pessoa recupere sua autoestima e o resolva por si mesma, estando sempre perto, “ali, do outro lado do lago”, preparados para cruzá-lo novamente e servir.

**Jesus quer que o toquemos e Ele sempre nos escuta.** A mulher que tinha as hemorragias havia muito tempo não tinha a coragem de falar com Jesus; só O tocou. Ele sente quando O tocamos, sempre! E, quando sente o toque, escuta, volta-se para nós e fala conosco. Esta confiança é fundamental para a missão vicentina e para a nossa vida pessoal. O toque leva à intimidade, porque é o contato físico: quantas vezes vamos visitar o Santíssimo Sacramento e, ao tocar o sacrário, nos sentimos cheios de força! Quantas vezes, damos um abraço apertado no assistido e sentimos algo diferente, como Jesus sentiu ao ser tocado pela mulher na multidão!

**Os tempos de Deus são diferentes dos nossos.** Não há dor maior do que perder um filho ou uma filha. O caso do chefe da Sinagoga era muito importante e urgente, porque era a morte de sua filha, mas Jesus para no caminho porque alguém O tocara (e não deveria ser ninguém muito importante, porque estava no meio da multidão!). Não é que Deus não consiga fazer duas coisas ao mesmo tempo, mas Ele responde ao toque do mais simples e humilde. São Vicente costumava dizer que “às vezes é preciso trocar Deus por Deus”: se o Pobre nos pede ajuda, podemos até mesmo chegar atrasados na missa. Se nossa família, nosso amigo ou nosso funcionário toca o nosso coração pedindo nossa atenção, podemos deixar de lado o nosso aplicativo de celular por um momento: é o próprio Cristo que nos está tocando!

**A fé sempre salva.** Jesus reforça este princípio duas vezes neste Evangelho. Não tenha medo. Pode vir a doença, pode vir a perda do emprego, pode vir a morte: a fé nos levanta e nos faz maiores do que nós mesmos para encontrar uma saída, “cruzar o lago” e voltar à missão. Jesus sempre vai no nosso barco ou nos motiva a caminhar sobre as águas para ir ao Seu encontro.

**Semana de 2 de julho de 2018 (referência: leituras do domingo 8 de julho)**

**14ª. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Ez 2, 25; Sl 122 (123); 2Cor 12,7-10; Mc 6,1-6**

**“Porque, quando sou fraco, então é que sou forte.”**

#### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Naquele tempo, Jesus dirigiu-Se à sua terra e os discípulos acompanharam-No.

Quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga.

Os numerosos ouvintes estavam admirados e diziam:

“De onde Lhe vem tudo isto?

Que sabedoria é esta que Lhe foi dada e os prodigiosos milagres feitos por suas mãos?

Não é ele o carpinteiro, Filho de Maria, e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?

E não estão as suas irmãs aqui entre nós?”

E ficavam perplexos a seu respeito.

Jesus disse-lhes:

“Um profeta só é desprezado na sua terra, entre os seus parentes e em sua casa.”

E não podia ali fazer qualquer milagre;

apenas curou alguns doentes, impondo-lhes as mãos.

Estava admirado com a falta de fé daquela gente.

E percorria as aldeias dos arredores, ensinando.

#### Reflexão vicentina

A palavra-chave de hoje é “fortaleza”.

Na segunda leitura, Paulo nos dá uma aula sobre o que é ser forte e ser fraco. Ele termina a Carta aos Coríntios com a celebre frase: “porque, quando sou fraco, então é que sou forte”.

O que é fraqueza para Paulo? Ele apresenta dois tipos de fraqueza. Primeiro, a fraqueza dos dons. Quando nos sentimos mais arrogantes, Deus nos impõe um “espinho na carne” para que voltemos à virtude da humildade e reconheçamos que toda a fonte de dons vem do Senhor. Mais precisamente, do Espírito Santo, como o Profeta Ezequiel nos diz na primeira leitura: “o Espírito entrou em mim e fez-me levantar”.

De fato, quando o Espírito entra em nós, deixamos de ter a fraqueza e nos levantamos, tornando-nos fortes. Para Paulo, portanto, **a fraqueza é a ausência da graça do Espírito Santo.** E, por comparação, a fortaleza, é a disponibilidade da graça de Deus em nós. Por isso, quando Paulo pede a Deus que afaste dele o “espinho da carne” (e olhe que ele pediu isto muitas vezes a Deus!), Deus lhe responde que o espinho é um sinal e que “basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se manifesta todo o meu poder”.

É esta mesma “fortaleza” – a Graça – que torna Jesus respeitado pelos que o conheciam e que ficavam espantados com a sua capacidade. “Que sabedoria é esta que Lhe foi dada e os prodigiosos milagres feitos por suas mãos? Não é ele o carpinteiro, Filho de Maria, e irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simão?

E não estão as suas irmãs aqui entre nós?”

Mas há também um outro tipo de fraqueza indicada por Paulo, que se manifesta através das afrontas, das adversidades, das perseguições e das angústias sofridas pelo amor de Cristo. Para Paulo, estas fraquezas são as que os outros veem em nós. Se aceitamos as afrontas, as adversidades, as perseguições e as angústias injustas como sofrimentos pela causa do amor de Cristo, duas coisas acontecem. Primeiro, os outros não as compreendem, porque se compreendessem, não nos perseguiriam e não nos afrontariam. Os outros pensam que, de fato, são fraquezas nossas e, por isso insistem em nos fazer mais “fracos”, ou “nos colocar mais para baixo”. Mas uma segunda coisa acontece: nossa intimidade com Deus aumenta e nos deixamos preencher pela Graça. Este é um fenômeno místico que só os que creem podem entender. Na verdade, somente a graça do Espírito Santo pode nos “fazer alegres porque os outros nos afrontam e nos perseguem”, exatamente como sentia Paulo.

Para os vicentinos, a proximidade das angústias, das perseguições e das adversidades do Pobre, faz-nos mais fortes. E isto não se dá somente porque verificamos que nossas próprias angústias, perseguições e adversidades não são nada, se comparadas com as dos nossos assistidos: isso também é verdade! Mas, também de forma mística, a visita ao Pobre é um veículo de que o Espírito Santo manifeste em nós a sua graça e nos “faça levantar”, como o fez ao profeta Ezequiel.

**Semana de 9 de julho de 2018 (referência: leituras do domingo 15 de julho)**  
**15ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: Am 7,12-15, Ef 1,3-14, Sl 84(85), Mc 6,7-13**

**“E ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, a não ser o bastão: nem pão, nem alforje, nem dinheiro.”**

#### **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos**

Naquele tempo, Jesus chamou os doze Apóstolos e começou a enviá-los dois a dois.

Deu-lhes poder sobre os espíritos impuros e ordenou-lhes que nada levassem para o caminho,

a não ser o bastão: nem pão, nem alforje, nem dinheiro;

que fossem calçados com sandálias, e não levassem duas túnicas.

Disse-lhes também: “quando entrardes em alguma casa, ficai nela até partirdes dali.

E se não fordes recebidos em alguma localidade, se os habitantes não vos ouvirem, ao sair de lá, sacudi o pó dos vossos pés como testemunho contra eles.”

Os Apóstolos partiram e pregaram o arrependimento, expulsaram muitos demônios, ungiram com óleo muitos doentes e curaram-nos.

#### **Reflexão vicentina**

A palavra-chave das leituras de hoje é “missão”. É impressionante como estas leituras apresentam os três pilares da nossa vocação vicentina para a santificação: a visita, a consistência da vida quotidiana e a defesa da justiça.

Na segunda leitura, Paulo garante-nos que Deus tem um projeto de vida plena, verdadeira e total para cada homem e para cada mulher – um projeto que desde sempre esteve na mente do próprio Deus. Este projeto é que sejamos “santos e irrepreensíveis, em caridade, na Sua presença”. Nossa vocação é acima de tudo um projeto de Deus para a nossa santificação. Para isso Frederico Ozanam e seus amigos fundaram as Conferências de História que depois se transformaram em Conferências de Caridade, e renomeadas de Conferências de São Vicente de Paulo.

É muito importante que tomemos consciência de que nossa vocação é um verdadeiro chamado de Deus, assim como, na primeira leitura, o profeta Amós é apresentado como o escolhido, o chamado e o enviado por Deus. E a resposta do profeta é viver para propor aos homens – com verdade e coerência – os projetos e os sonhos de Deus para o mundo. Atuando com total liberdade, o profeta não se deixa manipular pelos poderosos, nem se dominar pelos seus interesses pessoais.

No Evangelho, Jesus envia os discípulos em missão. Essa missão – que está no prolongamento da própria missão de Jesus – consiste em anunciar o Reino e em lutar objetivamente contra tudo aquilo que escraviza o homem e que o impede de ser feliz.

Antes da partida dos discípulos, Jesus dá-lhes algumas instruções acerca da forma de realizar a missão. Eles não precisariam se preocupar com o que deveriam vestir e nem com o que deveriam possuir! Evidentemente, isto não significa que não devamos lutar para dar conforto e educação à nossa família! Sim, devemos dar tudo isto, mas sem deixar-nos dominar por tudo isto. Jesus pede que tiremos de nós o peso da escravidão das coisas materiais, porque elas têm o seu valor específico: quer que “tenhamos como se não tivéssemos”, como nos diz São Paulo.

O exercício da visita ao Pobre, da coerência de vida no mundo e da defesa da justiça nos levam a ser estes missionários que Jesus pede aos seus discípulos que sejam. Este exercício, como resposta ao Plano de Deus, prepara-nos para as adversidades, para as vezes em que não formos “recebidos em alguma localidade” ou que “os habitantes não vos ouvirem”, como indica o Evangelho de hoje.

**Semana de 16 de julho de 2018 (referência: leituras do domingo 22 de julho)**  
**16ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: Jer 23, 1-6, Sl 22(23), Ef 2,13-18, Mc 6,30-34**

**“Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco.”**

#### **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos**

Naquele tempo, os Apóstolos voltaram para junto de Jesus

e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado.

Então Jesus disse-lhes: “vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco.”

De fato, havia sempre tanta gente chegando e partindo que eles nem tinham tempo de comer.

Partiram, então, de barco para um lugar isolado, sem mais ninguém.

Vendo-os afastar-se, muitos perceberam para onde iam;

e, de todas as cidades, acorreram a pé para aquele lugar e chegaram lá primeiro que eles. Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se de toda aquela gente, que eram como ovelhas sem pastor.

E começou a ensinar-lhes muitas coisas.

#### **Reflexão vicentina**

As leituras de hoje nos fazem recordar as palavras de São Vicente de Paulo: “às vezes é necessário trocar Deus por Deus”.

É muito importante que pratiquemos a virtude da temperança, isto é, o equilíbrio e a parcimônia até mesmo na dedicação às coisas de Deus. Infelizmente, conheço algumas pessoas que se dedicaram tanto às coisas de Deus na vida que, na fase difícil da meia-idade, afastaram-se dele, cansaram-se de ser bons, ficaram fatigados e a fé tornou-se para eles um fardo.

Deus não quer que nós fiquemos fatigados dele. Ele não quer que, ao nos sentir cansados, nos deixemos levar pela dúvida sobre se vale à pena continuar a segui-Lo. Como nos diz São Paulo hoje, “Cristo veio anunciar a boa nova da paz, paz para vós, que estáveis longe, e paz para aqueles que estavam perto”.

Não há dúvida de que Deus é incansável para que sejamos felizes e para que nos convertamos. Na primeira leitura, pela voz do profeta Jeremias, o Senhor condena os pastores indignos que usam o “rebanho” para satisfazer os seus próprios projetos pessoais; e anuncia que vai, Ele próprio, tomar conta do seu “rebanho”, assegurando-lhe a fecundidade e a vida em abundância, a paz, a tranquilidade e a salvação.

Já na segunda leitura, Paulo fala aos cristãos da cidade de Éfeso da solicitude de Deus pelo seu Povo. Essa solicitude manifestou-se na entrega de Cristo, que deu a todos os homens, sem exceção, a possibilidade de integrarem a família de Deus.

No Evangelho, Jesus propõe uma coisa diferente aos seus discípulos: “vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco”. Ele sabia que os discípulos estavam cansados e que poderiam ficar desanimados, porque são humanos. Muitas vezes Jesus foi para “o outro lado do lago” para descansar, para mostrar aos discípulos uma forma diferente de ver o

mundo. Desta vez, Ele não conseguiu descansar, porque viu que uma multidão de pessoas os seguiu e ele viu que elas eram “como ovelhas sem pastor”. E Ele começou a pregar, mesmo estando todos cansados (novamente, “trocando Deus por Deus”).

Como vicentinos, às vezes é necessário descansar um pouco até mesmo do serviço ao Pobre e à Sociedade. Conheço vicentinos que se dedicam tanto à Sociedade que se esquecem de suas famílias, impondo-lhes um “peso” desnecessário. No final, a Sociedade e os Pobres passam a ser uma concorrência à família. É necessário dar equilíbrio a tudo. Não há nada de mais em deixar de ir, uma vez ou outra, à reunião do Conselho ou da Conferência, para sair com nossa família, para fazer esporte, para viajar e conhecer lugares diferentes.

É necessário às vezes afastar-se para um lugar isolado, parar o que estamos fazendo, descansar a mente, a alma e o corpo, para ver as coisas de forma diferente, talvez vê-las com mais realismo, talvez mais como Deus quer que vejamos. Isto faz bem para os que nos cercam, para os Pobres, para a Sociedade e, acima de tudo, para nós mesmos: para que alcancemos a paz que o Pastor dá às suas ovelhas.

### **Semana de 23 de julho de 2018 (referência: leituras do domingo 29 de julho)**

**Leituras: 2 Re 4,42-44, Sl 144 (145), Ef 4,1-6, Jo 6,1-5**

#### **17ª. Domingo do Tempo Comum**

**“Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, atua em todos e em todos Se encontra.”**

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, Jesus partiu para o outro lado do mar da Galileia, ou de Tiberíades.

Seguia-O numerosa multidão, por ver os milagres que Ele realizava nos doentes.

Jesus subiu a um monte e sentou-Se aí com os seus discípulos.

Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus.

Erguendo os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ao seu encontro, Jesus disse a Filipe:

“Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?”

Dizia isto para o experimentar, pois Ele bem sabia o que ia fazer.

Respondeu-Lhe Felipe: “duzentos denários de pão não chegam para dar um pouco a cada um”.

Disse-Lhe um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro:

“Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes.

Mas que é isso para tanta gente?”

Jesus respondeu: “mandai sentar essa gente”.

Havia muita relva naquele lugar e os homens

sentaram-se em número de uns cinco mil.

Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram.

Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos:

“Recolhei os bocados que sobraram, para que nada se perca”.

Recolheram-nos e encheram doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobraram aos que tinham comido.

Quando viram o milagre que Jesus fizera, aqueles homens começaram a dizer:

“Este é, na verdade, o Profeta que estava para vir ao mundo”.

Mas Jesus, sabendo que viriam buscá-Lo para O fazerem rei,

retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.

### **Reflexão vicentina**

As palavras-chave das leituras deste domingo são a confiança e a partilha. Jesus nos mostra que os vicentinos estão certos em não acumular bens materiais, devendo distribuí-los assim que os ganham.

É muito interessante tanto no Evangelho, quanto na primeira leitura, a hesitação das pessoas em confiar em Deus, quando são chamados a partilhar o que têm, para “matar a fome” dos que O seguem. Na primeira leitura, foi o servo do Rei Eliseu que duvidou, quando o rei o mandou alimentar a multidão: “como posso com isto dar de comer a cem pessoas?” No Evangelho, foi Felipe quem duvidou: “duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um”.

Tanto Jesus, quanto o rei Eliseu poderiam eles mesmos ter dado de comer ao povo com fome, mas o processo é tão importante quanto o resultado: Deus conta conosco para repartir o seu “pão” com todos aqueles que têm “fome” de amor, de liberdade, de justiça, de paz, de esperança. Portanto, Jesus convida os discípulos a se despirem a lógica do egoísmo e a assumirem uma lógica de partilha, concretizada no serviço simples e humilde em benefício dos irmãos. É esta lógica que permite passar da escravidão à liberdade; é esta lógica que fará nascer um mundo novo.

Na segunda leitura, Paulo continua a falar sobre o “partilhar” do pão, mas de outra forma. Ele coloca o corpo de Jesus como o centro da nossa vida. É o pão que o Cristo deixou como herança a nós e que nos pede que compartilhemos, empenhando-nos “em manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz” e sendo “um só Corpo e um só Espírito, como existe uma só esperança na vida a que fomos chamados”. Esta união e compartilhamento só são possíveis se procedermos “com toda a humildade, mansidão e paciência, suportando-nos uns aos outros com caridade”.

Nossa vocação vicentina nos leva a realizar a vontade de Deus, compartilhando o pão com cada um dos assistidos que Deus nos confia. Nossos recursos são poucos, quase não te-

mos nada e o que temos, distribuímos prontamente aos Pobres. Mas é o próprio Cristo que nos dá o poder de multiplicar nossos “pães e peixes” para saciar a fome do Pobre. E, quanto mais distribuímos, mais temos para distribuir, mais sobra tanto para os nossos assistidos, quanto para nós mesmos.

Mais que isso, quando visitamos o Pobre, nos unimos ao Corpo de Cristo, tornando-nos seus discípulos diretos. Possuímos todos a mesma fé, a mesma esperança e nos reunimos em torno da caridade. Ser vicentino é isso: compartilhar a presença de Deus do céu aqui mesmo na terra.

### **Semana de 30 de julho de 2018 (referência: leituras do domingo 5 de agosto)**

#### **18ª. Domingo do Tempo Comum**

**Leituras: Ef 16,2-4.12-15; Salmo 77 (78); Ef 4,17.20-24; Jo 6,24-35**

### **Deus oferece ao seu povo o alimento de vida eterna**

### **Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João**

Naquele tempo, quando a multidão viu que nem Jesus nem os seus discípulos estavam à beira do lago,

subiram todos para as barcas para ir para Cafarnaum, à procura de Jesus.

Ao encontrá-Lo no outro lado do mar, disseram-Lhe: «Mestre, quando chegaste aqui?»

Jesus respondeu-Lhes: «Em verdade, em verdade vos digo: vós procurais-Me, não porque visdes milagres,

mas porque comestes dos pães e ficastes saciados.

Trabalhai, não tanto pela comida que se perde, mas pelo alimento que dura até à vida eterna

e que o Filho do homem vos dará. A Ele é que o Pai, o próprio Deus, marcou com o seu selo».

Disseram-Lhe então: «Que devemos nós fazer para praticar as obras de Deus?»

Respondeu-Lhes Jesus: «A obra de Deus consiste em acreditar n’Aquele que Ele enviou».

Disseram-Lhe eles: «Que milagres fazes Tu, para que nós vejamos e acreditemos em Ti?»

Que obra realizas? No deserto os nossos pais comeram o maná, conforme está escrito:

‘Deu-lhes a comer um pão que veio do céu’.

Jesus respondeu-Lhes: «Em verdade, em verdade vos digo:

Não foi Moisés que vos deu o pão do Céu; meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do Céu.

O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo».

Disseram-Lhe eles: «Senhor, dá-nos sempre desse pão».

Jesus respondeu-Lhes: «Eu sou o pão da vida: quem vem a Mim nunca mais terá fome, quem acredita em Mim nunca mais terá sede».

### **Reflexão vicentina**

Nas leituras de hoje, Jesus nos convida a deixar de lado as nossas reclamações sobre o

passado e seguir em frente, crendo Nele, como o pão que nos pode transformar e santificar inteiramente.

Na leitura do livro do Êxodo, os judeus que tinham sido libertados por Deus do Egito estavam caminhando. Caminharam por muito tempo (a bíblia nos diz 40 anos). No seu caminho, ao encontrar a primeira dificuldade, começaram a reclamar que a vida anterior (de escravos) era melhor do que a que tinham agora. Reclamavam da fome, diziam que Deus os tinha traído, libertando-os para uma situação pior do que a anterior.

Deus não responde com vingança (como talvez nós fizéssemos). Ao contrário, dá a abundância do pão que cai do céu. Mas isto é feito, com a esperança de que o povo desperte do seu egoísmo e creia que, mais do que a fome física, o importante é a fome espiritual, a verdadeira libertação interior, o amadurecimento e a superação de seus próprios problemas. E esta fome espiritual só pode ser saciada através da fé no Deus único.

São Paulo retoma este ponto na segunda leitura, insistindo que para receber o “pão de Deus”, é necessário deixar de lado o homem velho e fazer uma mudança radical de vida. O homem novo se cria a cada dia, a cada superação da dificuldade pela proximidade com Deus.

No Evangelho, Jesus apresenta-Se como o “pão” da vida que desceu do céu para dar vida ao mundo. Aos que O seguem, Jesus pede que aceitem esse “pão” – isto é, que escutem as palavras que Ele diz, que as acolham no seu coração, que aceitem os seus valores, que adiram à sua proposta.

O pão da vida é mostrado a cada um de nós vicentinos na visita que fazemos ao Pobre. Ela deve servir para que deixemos de lado o “homem velho” e saíamos da casa do assistido como pessoas novas, transformadas. Nós levamos o pão material e espiritual ao Pobre e voltamos com nosso espírito repleto do pão vivo, do próprio Deus. Não há forma mais concreta de escutar e acolher a palavra de Cristo que ir visita-Lo. Mais que deixar de reclamar, nós nos dispomos a escutar com todo o nosso amor, os problemas (e muitas vezes as reclamações) de nossos assistidos. E os retribuímos com a abundância do pão: para os assistidos, somos como o maná que cai do céu em suas casas, em suas vidas, ajudando-os a também despertar, amadurecer e se libertar para a caminhada em direção a Deus.

**Semana de 6 de agosto de 2018 (referência: leituras do domingo 12 de agosto)**  
**19ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: 1 Re 19,4-8; Ef 4,30-5,2; Jo 6,41-51**

**Tudo é dom de Deus.**

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João**

Naquele tempo,

os judeus murmuravam de Jesus, por Ele ter

dito:

«Eu sou o pão que desceu do Céu».

E diziam: «Não é ele Jesus, o filho de José?

Não conhecemos o seu pai e a sua mãe?

Como é que Ele diz agora: ‘Eu desci do Céu’?»

Jesus respondeu-lhes:

«Não murmureis entre vós.

Ninguém pode vir a Mim,

se o Pai, que Me enviou, não o trouxer;

e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia.

Está escrito no livro dos Profetas:

‘Serão todos instruídos por Deus’.

Todo aquele que ouve o Pai e recebe o seu ensino

vem a Mim.

Não porque alguém tenha visto o Pai;

só Aquele que vem de junto de Deus viu o Pai.

Em verdade, em verdade vos digo:

Quem acredita tem a vida eterna.

Eu sou o pão da vida.

No deserto, os vossos pais comeram o maná e morreram.

Mas este pão é o que desce do Céu

para que não morra quem dele comer.

Eu sou o pão vivo que desceu do Céu.

Quem comer deste pão viverá eternamente.

E o pão que Eu hei-de dar é a minha carne,

que Eu darei pela vida do mundo».

#### **Reflexão vicentina**

As leituras de hoje devem nos levar a refletir sobre dois opostos. De um lado, a reclamação (ou o “murmúrio” como indica o Evangelho) e de outro o desapego amoroso fundamentado na fé em Deus.

Logo na primeira leitura, Elias mostra a sua frustração: “já basta, Senhor; tirai-me a vida, porque não sou melhor que meus pais.” Ele está cansado da luta; não aguenta a pressão de ter que ser melhor do que os pais. Quantas vezes reclamamos de nosso trabalho, porque queremos ser melhores do que os outros, ou “melhores do que os nossos pais”! Não conseguimos sair da escravidão da pressão social de ganhar mais, de ter mais poder, de ser mais reconhecidos. E esta pressão nos consome: ela é muito cansativa.

Deus não diz ao profeta Elias que continue a lutar, a estressar-se mais na competição consigo mesmo e com os outros. Curiosamente, Deus diz a ele que descanse. E ao despertar do descanso à sombra de uma árvore, ele encontra um pão delicioso “cozido sobre pedras quentes”, preparado por Deus. Elias gosta tanto deste sentimento de alívio que volta a descansar na sombra da árvore e, ao despertar, Deus havia preparado novamente esta refeição revigorante. Depois de descansar e comer o pão especial, ele caminha por “quarenta dias e quarenta noites”: estava fortalecido novamente. Mas ele não caminha para qualquer lugar: ele vai “até ao monte de Deus, Horeb”.

Assim é a vida de quem caminha na direção de Deus. Não é um caminho fácil, mas cheio de decepções, conosco mesmos e com os outros, um caminho cheio de cruzes, de incom-

preensões, de demônios que se vão pondo à nossa frente. De tanto lutar, ficamos cansados. Só há uma forma de recuperar as energias: descansar à sombra do Senhor, desapegar-se das frustrações, colocar-se inteiramente em Suas mãos, com a certeza de que Ele nos vai dar o “pão da vida”. Este pão, que, dado a nós por Deus, quando despertamos do descanso, nos possibilita reiniciar o caminho até que venha o próximo deserto, o próximo cansaço e a próxima necessidade da “sombra divina”.

Deus dá ao vicentino a graça de compreender este fenômeno de forma muito concreta. Primeiramente, porque vemos que o Pobre que servimos se cansa muito mais do que nós, mas continua lutando (ele não tem outra alternativa!). E nós somos a “sombra de Deus” para ele, o lugar onde ele pode descansar com tranquilidade, porque, ao acordar, estaremos com um alimento delicioso para revigorá-lo. Mas também, como vicentinos, compreendemos a mística do cansaço e do revigoramento em Deus, porque, ao sair da casa do Pobre, nos defrontamos com a nossa própria luta. Quando nos desviamos do caminho do mundo e seguimos na direção do Horeb, no caminho da santificação, sentimos os pregos da cruz de Cristo, sofremos a sua flagelação, às vezes até morremos. Mas, ao descansar na sombra da cruz de Cristo, voltamos à vida, ressuscitamos e reiniciamos o nosso caminho.

**Semana de 13 de agosto de 2018 (referência: leituras do domingo 19 de agosto)**  
**20ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: Prov 9,1-6; Ef 5,15-20; Jo 6,51-58**

**“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em Mim e eu nele”.**

**Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João**

Naquele tempo,

disse Jesus à multidão:

«Eu sou o pão vivo que desceu do Céu.

Quem comer deste pão viverá eternamente.

E o pão que Eu hei-de dar é minha carne,

que Eu darei pela vida do mundo».

Os judeus discutiam entre si:

«Como pode ele dar-nos a sua carne a comer?»

E Jesus disse-lhes:

«Em verdade, em verdade vos digo:

Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue

tem a vida eterna;

e Eu o ressuscitarei no último dia.

A minha carne é verdadeira comida

e o meu sangue é verdadeira bebida.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue

permanece em Mim e eu nele.

Assim como o Pai, que vive, Me enviou

e eu vivo pelo Pai, também aquele que Me come viverá por Mim. Este é o pão que desceu do Céu; não é como o dos vossos pais, que o comeram e morreram: quem comer deste pão viverá eternamente».

### Reflexão vicentina

Seguindo a mesma linha de reflexão dos domingos anteriores, as leituras de hoje nos lembram que vivemos todo o tempo fazendo opções e que, se fizermos a escolha por Deus, não devemos desanimar.

Conheci um vicentino que decidiu levar ao “pé da letra” o sentido da sua vocação, tendo, como Ozanam, uma absoluta consistência entre o que ele aprende na visita ao Pobre e na conferência e o que ele vive. Evidentemente que, ao fazer isso, ele deixou de “jogar o jogo” do mundo e, por isso, não é reconhecido por ele. No trabalho, ele opta por não enganar os outros, por buscar o desenvolvimento dos outros, por dar o crédito correto aos outros quando eles desempenham bem as suas tarefas. O resultado de fazer estas opções é, evidentemente, que muitas vezes os outros que são mais “expertos” passam na frente, ganham mais reconhecimento. Este é o jogo da vida!

Em suas orações, este vicentino pergunta a Deus porquê Ele deixou que os outros tenham mais reconhecimento, se ele seguiu o Evangelho. Ozanam deve ter ficado muito frustrado, quando decidiu ser candidato a deputado e foi “vencido” por outros que não eram consistentes com o Evangelho.

Evidentemente, que a resposta de Deus às orações deste vicentino é muito direta, simples e concreta. Em primeiro lugar, Deus lhe diz para deixar de reclamar, porque os Pobres que ele serve, estes sim, têm problemas muito mais sérios, porque não podem dar o sustento à sua família. Ora, se é difícil para os Pobres, por quê deveria ser fácil para nós vicentinos? Em segundo lugar, Deus lhe responde que o Evangelho nunca disse que a opção por Cristo seria o caminho mais fácil; ao contrário, seria cheio de cruzes. Ora, se o Filho de Deus não foi reconhecido em Sua bondade, Sua misericórdia e Sua justiça, por quê os seus discípulos deveriam ser? Finalmente, Deus diz claramente que tudo o que o vicentino faz não é para ser reconhecido pelos homens, mas por Ele próprio, para a Sua glória e para que o vicentino e seus queridos possam contemplá-Lo na vida eterna. Ora, se fosse para ser reconhecido pelos homens, a recompensa seria dada hoje e agora: não haveria valor algum em seguir o Evangelho.

Esta é a mensagem de hoje. Na primeira leitura, o Livro dos Provérbios nos motiva a sempre optar por Deus com sabedoria e prudência, porque elas funcionam como “sete colunas” que sustentam a nossa vida. Na segunda leitura, Paulo nos diz para viver “como pessoas inteligentes” e não “como

insensatos”, procurando sempre conhecer e entender “a vontade do Senhor” para a nossa vida. Ele nos motiva a não nos “embriagar” com as coisas da terra, mas a “nos encher do Espírito Santo”. E, no Evangelho, Jesus brilhantemente dá uma perspectiva única às nossas escolhas: “quem come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em Mim e eu nele”.

Isto é o que basta: permanecer em Deus!

**Semana de 20 de agosto de 2018 (referência: leituras do domingo 26 de agosto) 21ª. Domingo do Tempo Comum**  
**Leituras: Jos 24,1-2a.15-17.18b; Ef 5,21-32; Jo 6,60-69**

**Temos sempre que fazer escolhas: os valores do mundo ou os eternos**

### Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, muitos discípulos, ao ouvirem Jesus, disseram:

«Estas palavras são duras.

Quem pode escutá-las?»

Jesus, conhecendo interiormente

que os discípulos murmuravam por causa disso,

perguntou-lhes:

«Isto escandaliza-vos?

E se virdes o Filho do homem

subir para onde estava anteriormente?

O espírito é que dá vida,

a carne não serve de nada.

As palavras que Eu vos disse são espírito e vida.

Mas, entre vós, há alguns que não acreditam».

Na verdade, Jesus bem sabia, desde o início,

quais eram os que não acreditavam

e quem era aquele que O havia de entregar.

E acrescentou:

«Por isso é que vos disse:

Ninguém pode vir a Mim,

se não lhe for concedido por meu Pai».

A partir de então, muitos dos discípulos afastaram-se

e já não andavam com Ele.

Jesus disse aos Doze:

«Também vós quereis ir embora?»

Respondeu-Lhe Simão Pedro:

«Para quem iremos, Senhor?

Tu tens palavras de vida eterna.

Nós acreditamos

e sabemos que Tu és o Santo de Deus».

### Reflexão vicentina

As leituras deste domingo seguem o mesmo raciocínio dos anteriores, levando-nos a refletir sobre as nossas opções, nossas escolhas por Deus ou por “outros deuses” que nos são apresentados no mundo.

Na primeira leitura, Josué, o líder das doze

tribos de Israel, convida-as a fazer uma escolha: “escolhei hoje a quem quereis servir”, se querem “servir o Senhor” ou servir outros deuses. O Povo escolhe claramente “servir o Senhor”, pois viu, na história da libertação do Egito que só Ele proporciona vida, liberdade, bem-estar e paz.

Como a segunda leitura (da Epístola de São Paulo aos Efésios) pode ser considerada muito controversa nos dias de hoje, gostaria de concentrar sobre ela a nossa reflexão. Paulo pede que as mulheres sejam submissas aos maridos e pede que os maridos amem as suas esposas. Ora, esta afirmação pode parecer discriminatória nos dias de hoje, mas não era nos tempos de Jesus, quando o homem era a cabeça da família.

Mas é importante propor uma forma alternativa de ver este belíssimo texto de Paulo. Em primeiro lugar, Paulo traz para o seio da família o tema da necessidade de fazer opções. Novamente, baseando-se na ideia da consistência entre a visita domiciliar ao Pobre e a vida social do dia-a-dia, que é um dos pilares essenciais da vocação vicentina, é fundamental que nossas “opções por Deus” sejam feitas, em particular, na vida familiar. Seria inconcebível, por exemplo, optar por Deus fazendo a visita ao Pobre e “optar pelo mundo” nas decisões de fidelidade, respeito e amor à família.

De fato, o Concílio Vaticano II expressa claramente este contexto. “Os esposos, feitos à imagem de Deus e estabelecidos numa ordem verdadeiramente pessoal, estejam unidos em comunhão de afeto e de pensamento e com mútua santidade de modo que, seguindo a Cristo, princípio da vida, se tornem, pela fidelidade do seu amor, através das alegrias e sacrifícios da sua vocação, testemunhas daquele mistério de amor que Deus revelou ao mundo com a sua morte e ressurreição” (Gaudium et Spes, 52).

Em segundo lugar, quando Paulo fala sobre submissão, não se refere a escravidão, mas ao serviço amoroso. Ao mesmo tempo, quando se refere ao amor dos maridos, trata não de um amor qualquer, mas do amor sublime com que Cristo ama a sua Igreja, a tal ponto de doar a sua própria vida por Ela. Desta forma, se nós, vicentinos, nos colocamos a serviço amoroso dos Pobres, como nossos “mestres e senhores”, muito mais devemos fazê-lo no encontro do dia-a-dia com nossos queridos familiares.

Finalmente, se Paulo escrevesse esta mesma epístola nos dias de hoje, utilizaria os mesmos verbos (ser submisso e amar), sem nenhuma diferença entre maridos e esposas. Portanto, como vicentinos ou vicentinas, temos que realizar as duas ações (submissão e amor) de forma integral e completa, na direção daquela ou daquele que Deus nos uniu “até que a morte venha a nos separar”.

(Footnotes)

<sup>1</sup><https://dicionariodoaurelio.com>